

Apoiando a questão atual: humor depreciativo e alteridade por meio de memes da internet

[Supporting the Current Thing:
disparagement humor and alterity
in internet memes]

REVISTA
com política

Revista Compólitica

Ano 2023, v. 13, n.1

<http://compolitica.org/revista>

ISSN: 2236-4781

DOI: 10.21878/compolitica.2023.13.663

Thiago Costa

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

[Federal University of Rio de Janeiro]

Resumo

Este trabalho propõe uma análise do meme “Eu apoio a questão atual” (I Support the Current Thing, ISTCT), explorando suas origens, significados e usos. Apesar de ser utilizado como uma piada, o meme desumaniza usuários de redes sociais que não compartilham a mesma visão ideológica daqueles que o compartilham por meio de humor depreciativo. A partir de estudos psicanalíticos e de humor, o trabalho utiliza a análise visual crítica para investigar imagens coletadas com o auxílio de um API de Instagram. A análise indica que os aspectos desumanizantes e cínicos do meme auxiliam na normalização de preconceitos com aqueles que têm visões políticas discordantes de quem o compartilha. O trabalho também revela que a estrutura do chiste está imbricada na construção do meme, mascarando perspectivas ideológicas por meio do humor.

Palavras-chave: memes; humor depreciativo; politicamente correto.

Abstract

This paper analyzes the meme “I Support the Current Thing” (ISTCT), exploring its origins, meanings, and uses. Seen as just a joke, the meme ends up dehumanizing social media users who do not share the same ideological worldviews as those who use it as a form of disparagement humor. Based on psychoanalytic and humor studies, this paper uses critical visual analysis to investigate images collected by an Instagram API. The analysis shows that the meme’s dehumanizing and cynical aspects contribute to the normalization of prejudices by those who hold opposing political views from those sharing it. It also reveals that the meme is constructed following the structure of a joke, masking ideological perspectives through humor.

Keywords: internet memes; disparagement humor; political correctness.

Apoiando a questão atual: humor depreciativo e alteridade por meio de memes da internet

Thiago COSTA

Ultimamente, memes da internet têm se tornado bastante difundidos nas redes sociais quando eventos específicos ocorrem. Nos últimos anos, o mundo enfrentou surtos virais (covid-19 e Monkeypox), a invasão de um país (a questão Rússia-Ucrânia), conscientização social em relação aos direitos LGBTQIA+, entre outros eventos especificamente geográficos. Nesse contexto, pessoas expressaram opiniões nas redes sociais, muitas vezes por meio de pequenas ações, como adicionar imagens do evento ou emojis em seus nomes, caracterizando o chamado ‘*slacktivism*’ ou ‘ativismo preguiçoso’ (Christensen, 2011; Lee; Hsieh, 2013). Essa condição gera críticas, uma vez que diversos eventos vêm ocorrendo e as pessoas querem compartilhar seu apoio, cuja maior parte está relacionada a uma agenda mais progressista e a uma cultura de politicamente correto (PC) (Moss; O’Connor, 2020).

Assim como usuários utilizam memes para expressar suas opiniões ou criar humor leve, outras comunidades vivem em ambientes online tóxicos, nos quais piadas e insultos são recorrentes. Como resultado dessa dinâmica, desenvolveu-se uma tolerância limitada em relação a perspectivas progressistas. Frequentemente, os defensores dessas perspectivas são associados a uma mentalidade de vitimização e à ausência de senso de humor. Nesse contexto, “muitas mulheres e minorias estavam presas à ‘política de identidade’ enquanto, nessa formulação, ser homem branco não era uma identidade, mas o estado padrão da humanidade” (Lewis, 2020, § 20, tradução nossa¹).

Quando esses dois universos se chocam, surge uma tensão na qual a cultura do PC parece restringir a liberdade de expressão de um lado, enquanto o outro promove uma agenda progressista e polícia comportamentos ofensivos. Os memes emergem como uma ferramenta poderosa para analisar o embate de ambos os lados, uma vez que representam uma “chave única para a compreensão dos processos sociais e culturais” (Shifman, 2007, p. 187). Conforme argumenta Shifman (2014a, p. 18), os “memes formam as mentalidades, as formas de comportamento e as ações dos grupos sociais. Esse atributo é altamente compatível com a forma como a cultura é formada na era da Web 2.0, marcada por plataformas de criação e troca de conteúdo gerado pelo usuário”.

¹ Todas as citações estrangeiras são do autor.

Memes podem ser analisados da mesma forma que os chistes e os sonhos: são criados para processar os pensamentos da mente humana (Freud, 1916, 1961 [1927], 1985 [1955]). Se considerarmos a internet como uma representação do nosso inconsciente (Burnham, 2018), os memes podem desempenhar um papel na explicação de como a agressividade frequentemente se camufla por trás do humor, especialmente em contextos de polarização política² (Prooijen, 2021). Assim como alguns sonhos são simplesmente manifestações do subconsciente, o mesmo pode ocorrer com os memes. Contudo, em cenários específicos, esses memes podem conter *insights* valiosos, dado que, como observa Alexander (2018, § 18), “o contexto [...] é fundamental para entender quando um meme é apenas um meme e quando pode se tornar algo mais importante”.

Este estudo se propõe a analisar um meme que ganhou notoriedade no início de 2022, quando o investidor e magnata dos negócios Elon Musk compartilhou um meme em sua conta no então Twitter³ satirizando aqueles que demonstram apoio a diversos eventos que ocorrem. A postagem apresentava o meme ‘*I Support the Current Thing*’ (ISTCT), que se traduz como ‘Eu Apoio a Questão Atual’. A imagem contém uma representação de um autômato cinza, conhecido como personagem não jogável (*Non-playable character*, NPC), que anteriormente era utilizado para ironizar indivíduos devido às suas perspectivas políticas.

A questão central abordada por este estudo é a maneira pela qual a análise freudiana de chistes e sonhos pode iluminar a capacidade dos memes na internet de mascarar ideias agressivas sob a justificativa de serem meramente ‘piadas’, bem como a forma como os elementos do meme ISTCT são empregados para criticar a cultura do PC. Para abordar essa questão, meu enfoque inicial foi contextualizar a evolução do termo ‘meme’ e explorar como seus elementos humorísticos se relacionam com os princípios da psicanálise e das teorias do humor. Posteriormente, examinarei a maneira pela qual o meme ISTCT funciona como uma forma de humor depreciativo, ancorado na noção de ideologia. A coleta dos memes foi realizada por meio de uma API (*Application Programming Interface* – Interface de Programação de Aplicação) do Instagram, seguida de uma análise para exemplificar como o chiste é incorporado. Por fim, na seção de conclusão, argumento que, no contexto da polarização política, os memes frequentemente fortalecem práticas ideológicas veladas sob o disfarce de piadas, incorporadas em um contexto visual humorístico. Se a sociedade

² Essa polarização é entendida como o grau de arraigamento ideológico dos cidadãos em seus valores, intensificando a divisão com aqueles que têm visões distintas. Isso resulta em uma percepção de confronto entre ‘nós *versus* eles’ e conflitos entre grupos de oposição ideológica

³ No fim de 2022, Musk adquiriu a rede social e em julho de 2023 a renomeou como ‘X’.

repreende a agressão direta, o inconsciente encontra vias alternativas para direcionar suas inclinações agressivas, recompensando aqueles que aderem ao meme ISTCT.

Mememes como ferramenta para compreender o inconsciente da internet

Conforme apontado por Viktor Chagas (2020), muitos pesquisadores que se dedicam ao estudo de mememes iniciam seus trabalhos destacando que foi o etnólogo Richard Dawkins (2006) quem cunhou o termo ‘meme’. Dawkins abordou esse conceito ao se apropriar da analogia genética e sua transmissão cultural, sugerindo que a disseminação de elementos culturais é comparável à propagação genética (Dawkins, 2006, p. 189). Ele definiu os mememes como “unidades de cultura que poderiam abranger melodias, ideias, slogans, vestimentas, tendências e até técnicas para moldar potes e construir arcos” (Dawkins, 2006, p. 192).

Dawkins é amplamente reconhecido como o precursor das noções contemporâneas dos estudos meméticos. No entanto, esse campo emergiu como resultado dos esforços coletivos de diversos pesquisadores. Eles buscavam criar um neologismo e uma estrutura analítica para compreender a transmissão de práticas culturais. Todavia, é difícil determinar quando a concepção atual de meme se originou, embora se saiba que essa noção ganhou forma em meados da década de 1990, quando se tornou sinônimo de piadas, trocadilhos e outros conteúdos virais compartilhados em fóruns online e *newsgroups* (Chagas, 2020). Dawkins contribuiu para a construção de um conceito social, uma forma de “comunicar como culturas retêm conhecimento de suas práticas. [...] o meme *dawkinsiano* possibilita a conceituação de características concretas e profundamente abstratas das expressões culturais, que se constituem recursivamente através daquilo que produzem” (Wiggins, 2019, p. 7).

Além de Dawkins, outros pesquisadores como Daniel C. Dennett, Limor Shifman, Patrick Davison, Robert Aunger e Susan Blackmore também contribuíram para a transição do conceito de mememes do campo da biologia para o domínio da comunicação. Conforme apontado por Börzsei (2013), Patrick Davison foi responsável por elaborar uma das primeiras definições acadêmicas mais rigorosas do termo ‘meme’, descrevendo-o como um “elemento da cultura, frequentemente na forma de uma piada, que adquire influência por meio da transmissão online” (Davison, 2009 *apud* Börzsei, 2013, p. 3). Em seguida, Limor Shifman (2014a) aprofundou o conceito ao incorporar as definições de Dawkins e estudos prévios, enquadrando os mememes como itens digitais. Para Shifman, os mememes não

constituem ideias, mas sim mídias, e tampouco se restringem a unidades isoladas, uma vez que funcionam em conjunto. Enquanto anteriormente as pessoas eram expostas a um meme isolado em determinados momentos, o advento da internet transformou esse contato em uma presença constante, caracterizada por uma gama mais ampla e diversificada de conteúdos (Shifman, 2014b, 2016).

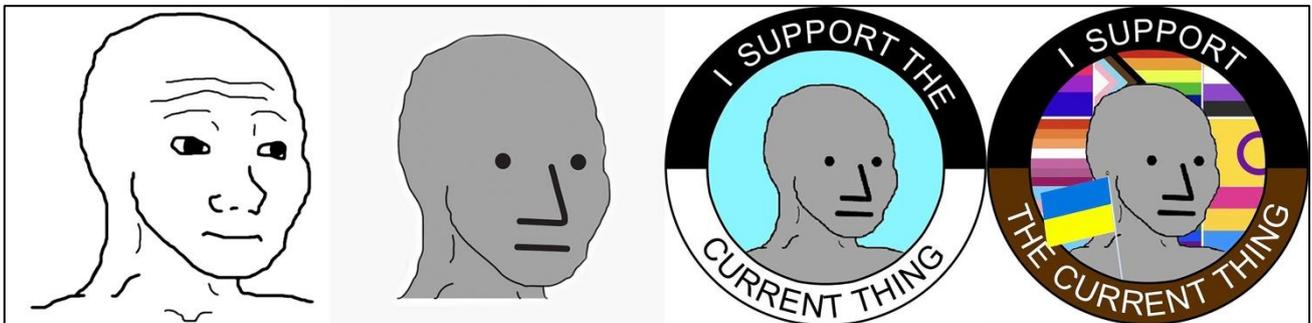
Além de investigar a propagação dos memes e suas características visuais, Shifman (2014b) buscou analisar as práticas discursivas deles. Seu foco abrangeu principalmente memes em formato de vídeo, e posteriormente, Wiggins (2019) elaborou um modelo abrangente que engloba todas as variáveis dos memes, baseando-se nas descobertas da pesquisadora. A primeira abordagem para analisar um item digital é por meio de seu conteúdo – isto é, o que está sendo comunicado em termos de ideias e ideologias. O conteúdo é inevitável, “como um componente da comunicação raramente casual; intrínseco à natureza da prática ideológica” (Wiggins, 2019, p. 16). A segunda maneira de compreendê-lo é por meio de sua forma – isto é, como o meme é apresentado visualmente. Esse aspecto é considerado neutro, representando uma “categoria utilitária de memética: vídeo, gif, imagem macro, imagem incorporada em outra imagem, texto verbal, hashtag, entre outros” (Wiggins, 2019, p. 16). Por fim, a terceira dimensão é a orientação – que se relaciona com a forma pela qual os usuários da internet se associam ao contexto presente no conteúdo do meme. Isso envolve diversos níveis de interpretação da semiótica que é disseminada.

Neste estudo, os memes da internet são delimitados como um conjunto de elementos digitais compartilhados online, os quais compartilham características comuns e são frequentemente remixados por usuários da internet. Esses conteúdos são disseminados rapidamente sob diferentes formas de elementos audiovisuais e têm como propósito principal o entretenimento dos usuários online, além de servirem como veículos para a disseminação de informações, boatos e humor (Shifman, 2014a, 2016; Wiggins, 2019). No entanto, o fato de serem vistos como elementos frívolos destinados a piadas, paródias e sátiras é apenas a superfície de sua significância social. Uma análise mais profunda revela que, por trás de cada meme, existe um argumento subjacente, que é tipicamente, se não sempre, reflexivo de uma prática ideológica (Wiggins, 2019, p. 11).

Para sobreviver tempo suficiente nas redes sociais, os memes precisam se adaptar a uma multiplicidade de conteúdos que são compartilhados simultaneamente. Aqueles que continuam relevantes frequentemente são remixados por parte dos usuários das redes sociais. O meme *dawkinsiano*, por outro lado, não dependia de remixes; ele era mais suscetível à imitação, ao mimetismo ou à paródia. Segundo Wiggins (2019, p. 12), o conceito de remix no contexto dos memes

da internet implica que a essência de uma ideia sobre uma pessoa específica, evento, movimento social ou local deve ser mantido ao longo das diferentes versões do meme, mas, ao mesmo tempo, ser atualizada ou modificada com representações correspondentes. Essa mudança dinâmica feita pelo remix deve ser simples e fácil de fazer. O remix é um sintoma de como a web 2.0 opera, consolidando-se como um dos pilares da cultura participativa, uma vez que o “termo descreve a reprodução cultural fomentada por várias formas de cópia e imitação – práticas que se tornaram fundamentais na cultura digital contemporânea” (Shifman, 2014a, p. 4). Um exemplo concreto de como o remix opera pode ser visualizado na Figura 1. Nela, quatro memes distintos compartilham uma mesma estrutura básica, porém essa estrutura varia ligeiramente entre eles. O primeiro, o original, apresenta o personagem, conhecido como Wojak, com uma expressão melancólica, utilizado para reagir a contextos específicos. O segundo modifica as cores e as características do personagem, simulando os recursos de programas simples de edição, e é assim denominado ‘meme NPC’. O terceiro mantém os atributos do anterior, mas é incorporado a um logotipo com um texto associado. O último meme segue a mesma estrutura do anterior, porém o logotipo sofre alterações cromáticas e o plano de fundo é preenchido com informações conectadas ao texto presente no meme.

Figura 1 – Exemplo de como remix opera em memes



Fonte: Instagram

A análise de memes é uma abordagem essencial para compreender não apenas os comportamentos digitais, mas também a lógica cultural subjacente que rege esses comportamentos, à medida que afetam as ações dos grupos sociais (Shifman, 2014a, 2016). Suas implicações no humor e seus desdobramentos na sociedade foi o que originou o presente estudo. Minha curiosidade surgiu ao ler uma passagem em que John Forrester comentava sobre os trabalhos iniciais de Sigmund Freud: “Freud é um colecionador de peidos e caretas, um arqueólogo do lixo *avant la lettre*, bem como um colecionador do precioso detrito desvanecido da civilização ocidental” (Forrester, 1997 *apud* Knapp, 2021, p. 42). Os primeiros estudos de Freud sobre a mente humana envolveram a investigação de

piadas, lapsos linguísticos e sonhos, os quais o conduziram, posteriormente, à compreensão do funcionamento do inconsciente ocidental. A partir dessas descobertas, Freud estabeleceu um dos campos de conhecimento mais influentes que persiste até os dias atuais: a psicanálise.

A percepção inicial de memes como superficiais e triviais, assim como a exploração que Freud realizou em seus primórdios, provocou em mim uma reflexão sobre o potencial dos estudos de memes na internet. Essa reflexão foi desencadeada por um texto de Clint Burnham, no qual ele questiona se a internet é equivalente ao inconsciente. Burnham alega que “a internet é nosso inconsciente porque nos relacionamos com ela de maneira transferencial” (2018, p. 21). Ele sustenta que a internet opera como um consciente pois “ela nos conhece, tem conhecimento do que sabemos e até mesmo do que não sabemos que sabemos” (Burnham, 2018, p. 21). Exemplos disso são os anúncios que frequentemente aparecem em nossas redes sociais com coisas que podemos querer assistir ou comprar; as senhas de nossas contas que esquecemos, mas que estão armazenadas em algum banco de navegador; os memes da internet que compartilhamos simplesmente porque nos parecem engraçados ou porque estabelecemos com eles uma conexão aparentemente insignificante e tudo o que funciona como um tique, sempre exigindo nossa verificação ou recuperação. A relação entre indivíduos e o mundo digital pode ser compreendida a partir de uma perspectiva fenomenológica e psicanalítica (Burnham, 2018).

Diversos acadêmicos se dedicaram a definir o conceito de inconsciente, entre eles Schelling, Freud, Hegel, Lacan, Žižek, além de muitos outros. O inconsciente é concebido como uma estrutura que opera em sua própria linguagem, atuando no que o sujeito sabe e pode não saber. É uma força que modula seus pensamentos, comportamentos, memórias, sonhos e outras coisas que alguns podem fazer sem estar cientes de sua influência. Žižek destaca que o ‘desconhecido sabe’ e que há aspectos que ‘não sabemos que sabemos’ quando discute o tema do inconsciente (Bristow, 2015, p. 256). Se o inconsciente é um conhecimento que não se conhece, ele também nos ajuda a compreender como a internet funciona e as funções do digital na cultura participativa atualmente (Burnham, 2018, p. 9)

O inconsciente é algo externo ao sujeito quando ele é criado. Ele aparecerá como algo que o constitui, como “discurso, civilização, hegemonia, ideologia, capital, patriarcado, qualquer coisa, tem algo que sobra” do sujeito (Burnham, 2018, p. 14). Os memes da internet estão nesse exterior, são o mundano que nosso inconsciente cria e não sabemos o que representa. É por isso que precisamos entender como Freud trabalhou com sonhos e chistes para compreender o que os eles dizem sobre nós mesmos.

“É apenas piada”

Este estudo não tem o objetivo de ser uma abordagem psicanalítica, mas, como observa Knapp (2021), o vocabulário e suas teorias oferecem um arcabouço analítico para compreender as produções dos memes na sociedade. Eles podem funcionar como sonhos ou chistes e sua representação de ideias pode ser codificada por processos psíquicos (Knapp, 2021, p. 3). O autor expande essa perspectiva ao afirmar que “se os memes desempenham um papel ativo e produtivo na disseminação de ideias conscientes, então também devem carregar os investimentos disfarçados do inconsciente” (Knapp, 2021, p. 12). Portanto, se considerarmos a hipótese de que a internet representa o inconsciente, como sugerido por Burnham (2019), a análise de memes poderia ser uma abordagem frutífera para acessar o inconsciente contemporâneo. Knapp cunha o termo ‘trabalho do meme’, análogo ao conceito freudiano de ‘trabalho do sonho’ (1916), para compreender o conteúdo subjacente aos memes. De acordo com Knapp (2021, p. 12), esse processo é uma coleção de métodos usados para codificar um desejo ou ansiedade em uma cena.

Freud (2010) formulou a hipótese de que os sonhos operam predominantemente, embora não exclusivamente, por meio de imagens visuais. Essas imagens emergem por meio do mecanismo do trabalho do sonho, um processo que ocorre de quatro maneiras distintas, das quais duas são importantes para os memes – condensação e deslocamento. O primeiro desses processos leva o sonho a condensar sua estrutura e significado, semelhante a um analogismo. O último, por sua vez, é um mecanismo pelo qual os sonhos ocultam seu significado subjacente, deslocando-o para o subconsciente, enquanto destacam informações conscientes aparentemente não relacionadas.

Os estudos sobre os sonhos desempenharam um papel significativo no desenvolvimento da abordagem freudiana ao humor, devido à sua percepção das semelhanças e padrões compartilhados entre piadas e sonhos. Isso permitiu que Freud estabelecesse uma conexão geral entre o engraçado e os processos mentais inconscientes (Holland *apud* Oring, 2016, p. 4). O sonho é privado e os chistes precisam ser compartilhados com outras pessoas, assim como os memes. Um chiste precisa ser contado porque “opera quase como um evento de interesse universal. Ele é transmitido de uma pessoa para outra, assim como as notícias da mais recente conquista” (Freud, 1916, p. 14). Oring (2016, p. 10) argumenta que a “verdadeira similaridade entre sonhos e chistes reside principalmente na forte analogia entre o trabalho do sonho e o trabalho do chiste”. Além disso, o autor acrescenta que ambos os fenômenos “permitem a expressão de pensamentos reprimidos no inconsciente, sendo que sua

articulação por meio de chistes serve como uma forma de liberação e alívio necessários para o funcionamento psicológico e fisiológico do indivíduo” (Oring, 2016, p. 4).

Freud estudou o uso do chiste, que é frequentemente confundido com piadas simples. Para Freud (1916, p. 114), o chiste é uma atividade que exige uma tríade de atores: *um contador* que ri com *um cúmplice* de uma *terceira pessoa*. O chiste exige uma risada, a piada pode ou não ter uma. O chiste é muito sucinto, a piada precisa na maioria dos casos de uma narrativa. Freud (1916, p. 4) definiu o chiste como “toda evocação consciente e inteligente do cômico, seja o elemento cômico proveniente do ponto de vista ou da própria situação”.

O trabalho do chiste utiliza as atividades de condensação e deslocamento. A primeira, como elucidado anteriormente, condensa duas ou mais ideias em uma, produzindo uma composição humorística. Freud (1916, p. 9) cita o caso da palavra ‘familonário’, que é a condensação dos termos ‘familiar’ e ‘milionário’. O deslocamento, por outro lado, é o “desvio da tendência do pensamento que consiste em deslocar o destaque psíquico para outro tema que não o original” (Freud, 1916, p. 64). Ele usa o caso da piada do banho de dois judeus para exemplificar sua noção. Em suma, dois judeus se encontram em um banho público e um pergunta se o outro tomou um banho uma vez que está faltando. Nesse exemplo, há um deslocamento do verbo ‘tomar’ que também poderia significar ‘pegar’.

O chiste opera em dois gêneros – o inocente, em que não serve a um propósito específico, sendo um uso inofensivo de palavras ou imagens (Freud, 1916); e o tendencioso, que será utilizado nesta pesquisa. Esse último “é ou chiste hostil, servindo como agressão, sátira ou defesa, ou é obsceno, servindo como exibição sexual” (Freud, 1916, p. 138). Esse tipo de chiste serve para produzir uma realização de prazer às custas do objeto de agressão hostil ou sexual. Freud afirmou que desde “nossa infância individual e da civilização, nossos impulsos hostis em relação aos nossos semelhantes foram submetidos às mesmas restrições e repressões progressivas que nossas tendências sexuais” (Freud, 1916, p. 149). Assim, o chiste permitiria “fazer com que nosso inimigo pareça ridículo através daquilo que não poderíamos proferir em voz alta ou conscientemente devido às restrições existentes; ou seja, o chiste nos proporciona os meios de superar restrições e de abrir fontes de prazer que de outra forma seriam inacessíveis” (Freud, 1916, p. 150). Esse prazer pode vir na forma de uma risada, que pode ser desencadeada de forma inconsciente, como sugere Freud (1916). Quando as pessoas ouvem um chiste, elas não distinguem entre o sujeito e o trabalho do chiste. Elas acreditam que estão rindo da genialidade estrutural, porém estão rindo de sua ideia tendenciosa (Billig, 2005, p. 159). Nesse sentido, “gostamos

de acreditar na inocência de nossa risada – que nossos chistes são ‘apenas’ piadas, ou ‘apenas’ um jogo inteligente de forma, e não a expressão de motivações problemáticas” (Billig, 2005, p. 160).

De acordo com Freud, um exemplo de piada agressiva aparece no caso sobre uma notável semelhança entre dois estranhos, onde um deles pergunta “Sua mãe já esteve em minha casa?” e ouve “não, mas meu pai esteve” (Freud, 1916, p. 52). Esse tipo de insulto “pode não encontrar a mesma resistência que um insulto direto. O chiste torna o insulto possível, mas o prazer resultante é um produto do prazer produzido pela técnica do chiste [...] e do prazer adicional da agressão inibida” (Oring, 2016, p. 9). Esse exemplo ilustra como o humor agressivo se relaciona com um senso de superioridade e aparece na forma de humor depreciativo (Ford, 2014, 2015; Ford *et al.*, 2019, 2015).

Isso mostra que o humor desempenha funções diferentes na sociedade do que apenas entretenimento. Acadêmicos, como Michael Billig, afirmam que o humor é fundamental na vida social, porque pode ridicularizar os outros para garantir “que os membros da sociedade rotineiramente cumpram os costumes e hábitos de seu meio social” (Billig, 2005, p. 2). Essa afirmação parte de suas observações sobre as obras de Freud e Henri Bergson. Nesse último, rir de alguém é coagi-los a normas sociais. O humor depreciativo é conhecido como uma forma de comunicação destinada a entreter por meio do uso de depreciação, insulto ou diminuição de um alvo específico e é considerado ‘apenas uma piada’ como uma forma de liberar algum tipo de preconceito (Ford, 2014, 2015). Esse tipo de humor permite “expressar preconceitos existentes sem medo de represálias” (Ford, 2015, p. 166) e fortalece as estruturas de controle social, uma vez que permite que “os membros do grupo dominante na sociedade mantenham sua posição privilegiada. Por exemplo, o humor sexista perpetua o desequilíbrio de poder entre homens e mulheres” (Ford, 2014, p. 594). Nesse sentido, o humor depreciativo pode trivializar o uso de preconceitos, pois pode ser lido em um contexto cômico, sem ser criticado, e “expandir os limites do comportamento socialmente apropriado, criando condições sociais em que a discriminação pode ser mais facilmente racionalizada como não inadequada” (Ford, 2014, p. 596). Tal humor pode aprimorar ou ameaçar identidades específicas, dependendo se é direcionado a uma pessoa de um grupo externo ou interno (Ford *et al.*, 2019, p. 3).

Ford *et al.* (2015) sugerem que o humor depreciativo não é um gerador de preconceito, mas sim um meio de liberá-lo. Eles argumentam que: (1) esse tipo de humor esconde ideias preconceituosas, já que, em contextos cômicos, é interpretado sem uma abordagem crítica – o preconceito que não está ligado à piada, por outro lado, é percebido como explicitamente ofensivo e não depende da leveza comunicativa necessária ao humor; (2) o humor depreciativo requer uma compreensão compartilhada

do discurso subjacente, baseada no contrato social de quais tópicos tabus podem ser tratados como piadas em contextos específicos; (3) esse tipo de humor tende a ser mais divertido e menos ofensivo se as pessoas já têm uma visão negativa em relação a determinado grupo; (4) por fim, se ele é compreendido de maneira acrítica por pessoas preconceituosas, elas têm maior probabilidade de concordar com a norma existente de preconceito e construir suas atitudes em relação ao grupo-alvo.

Essa forma de agressão ajuda o contador de piadas a se proteger contra qualquer acusação de preconceito. Se é apenas humor, as ações do contador de piadas podem ser “descritas como ‘provocação’ ou ‘brincadeira’, não ‘intimidação’ ou ‘zombaria’, os ‘provocadores’ também se protegem da crítica, incluindo a autocrítica” (Billig, 2005, p. 161). No entanto, “a distinção de Freud entre o trabalho do chiste e o propósito tendencioso de uma piada fornece a base para uma abordagem crítica do humor: ela evita a suposição perigosa de que o humor deve ser aplaudido por ser engenhosamente inteligente” (Billig, 2005, p. 161). Essa visão de que é apenas uma brincadeira também reflete como as pessoas vivem sua realidade. Billig (2005) explica que os indivíduos têm a tendência de experimentar o mundo socialmente construído como se fosse a experiência verdadeira, ou seja, seu mundo é vivenciado como se fosse ‘o’ mundo objetivo. Essa perspectiva de mundo também se aplica aos usos do humor, pois, se “costumes e instituições nos são apresentados como realidades, então acreditamos que algumas coisas são objetivamente e ‘realmente’ engraçadas” (Billig, 2005, p. 214). Portanto, quando alguém começa a zombar de outra pessoa por meio do humor agressivo, essa pessoa está utilizando suas ideologias para atingir o alvo. Neste artigo, o meme ISTCT será analisado como uma forma de humor depreciativo em relação às pessoas que apoiam políticas específicas que podem ser consideradas tolas e frívolas por aqueles que o compartilham. É uma abordagem contemporânea das teorias do humor e de como a deprecição pode mascarar-se como apenas uma piada.

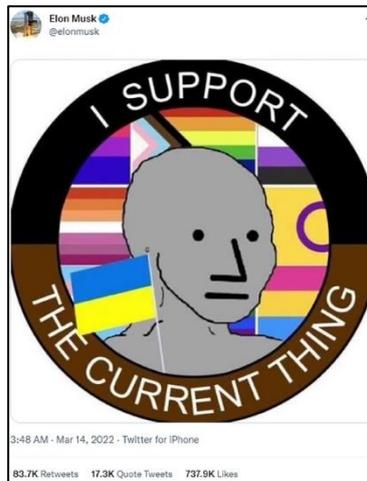
Abordagem metodológica e o problema em apoiar a questão atual

O meme ISTCT foi escolhido como material de análise por ser um meme que se popularizou em um contexto de polarização política e que apresenta características de humor depreciativo contra pessoas que não compartilham as mesmas ideologias. Além disso, o meme foi escolhido por ser um exemplo de como o humor pode ser usado para desumanizar usuários de redes sociais e normalizar preconceitos, o que é um tema relevante para a discussão sobre o papel dos memes na sociedade atual. No entanto, a escolha desse meme é limitada a um recorte específico de assuntos da esfera política

que ocorreram recentemente. Com a coleção de outros memes pode ser possível contemplar um contexto político mais amplo e profundo.

Com o auxílio de uma API do Instagram, foram coletadas imagens (n = 2016) sob as tags #isupportthecurrentthing e #npcmemes. Em seguida, foram selecionadas imagens que fossem memes e que continham a estrutura e a temática do meme ISTCT. Depois, as imagens foram analisadas por meio de uma abordagem metodológica visual crítica, a qual considera “o visual em termos de sua significância cultural, práticas sociais e dinâmicas de poder; isso inclui a exploração das relações de poder subjacentes à gênese, representação e contestação das formas de visualização e imaginação” (Rose, 2016, p. xxii). Nessa perspectiva, é analisada a produção, a imagem em si, sua circulação e o encontro com sua audiência. Além disso, estava interessado em como tais memes reproduzem e naturalizam ideologias em contexto de polarização política.

Figura 2 – Elon Musk postando o meme ISTCT em seu perfil no Twitter

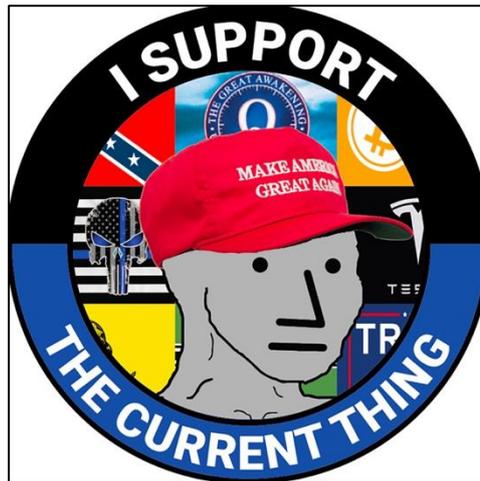


Fonte: Twitter, disponível em: <https://twitter.com/elonmusk/status/1503276966874595330>

Nos primeiros meses de 2022, Elon Musk compartilhou um meme em sua conta do Twitter que rapidamente ganhou popularidade na internet. O meme retratava um personagem cinza segurando uma bandeira ucraniana, com um fundo que apresentava várias bandeiras LGBTQIA+ e um logotipo exibindo a frase ‘Eu apoio a questão atual’ (Figura 2). O meme implica que algumas pessoas “voam cegamente de notícia em notícia, de questão em questão, mudando suas fotos de perfil do Facebook e nomes de exibição do Twitter para ‘apoiar’ o que quer que seja a ‘questão atual’ que domina as notícias e comentários” (Read, 2022, § 1). Essa ‘questão atual’ pode ser a guerra Rússia-Ucrânia de

2022, a vacinação contra a covid-19, o medo da disseminação de monkeypox, o apoio aos direitos das mulheres ao aborto nos Estados Unidos, o apoio aos direitos LGBTQIA+, entre outras questões.

Figura 3 – Exemplo de como a questão atual pode ser usada



Fonte: Instagram

O meme pode ser usado para zombar de indivíduos que apoiam a agenda progressista e pessoas que apoiam políticas neoliberais e de extrema direita, como mostrado na Figura 3. No entanto, o meme ganhou mais poder quando usado como um espantalho liberal. Segundo Read (2022), usuários de redes sociais têm buscado novas maneiras de rotular outras pessoas que eles consideram superficiais em sua personalidade, ‘normies’. Esse tipo de pessoa foi anteriormente ridicularizado pelo uso do meme NPC – a figura cinza no meme ISTCT. Como Alexander sugere, o meme NPC surgiu em 2016 em um fórum 4chan dedicado a vídeo games, onde usuários se questionavam como NPCs. Um NPC é um personagem de videogame controlado pelo computador em vez do jogador. Eles ajudam a trama a avançar comunicando frases pré-programadas sem terem uma interioridade ou individualidade (D’Anastasio, 2018; Dafaure, 2020; Roose, 2018; Sommerlad, 2018). A estrutura do meme ISTCT se assemelha a uma prática online comum de mostrar apoio a alguma política, tragédia ou evento – que pode ser entendido como uma forma de *slacktivism*. Tal expressão pode ser descrita como “ativismo social associado ao uso das mídias sociais” (Lee; Hsieh, 2013, p. 811) ou de maneira depreciativa como “atividades políticas que não têm impacto nos resultados políticos da vida real, mas servem apenas para aumentar o fator de bem-estar dos participantes” (Morozov, 2009 *apud* Christensen, 2011, § 3). A ‘questão atual’ zomba desse tipo de ativismo que se espalha nas redes sociais sobre eventos recentes.

Figura 4 – Exemplo do meme NPC



Fonte: Instagram

O meme NPC se torna uma ferramenta de desumanização, já que o alvo pode ser entendido como algo que não é real. Em um contexto político, se alguém critica temas como a injustiça social, eles estão atacando algo que teoricamente é intrinsecamente não crítico, mostrando que eles não têm consciência humana (D'Anastasio, 2018). Na Figura 4, podemos verificar como o NPC é usado para atacar pessoas que são mais progressistas e defendem alguns valores sociais, às vezes chamados de justiceiros sociais ou *Social Justice Warriors* (SJWs). Esse tipo de pessoa insistiria, por exemplo, que “o símbolo de mão ‘okay’, foi mal interpretado como um símbolo de supremacia branca, que o sujeito é racista e usar isto como motivo para demiti-lo” (D'Anastasio, 2018, § 8). Além disso, a Figura 4 também zomba de como os SJWs escolhem suas palavras no contexto do politicamente correto. Assim como o NPC, os SJWs são usados como uma figura antagonista na cultura online. Eles podem ser descritos como “um ativista definido pelo seu apoio à política progressista, tipicamente feminismo, politicamente correto ou ambientalismo, mas também pela retórica supostamente agressiva e emocional usada para defender essas opiniões” (Dafaure, 2020, p. 9). O politicamente correto pode ser descrito como qualquer tentativa de evitar ou eliminar conteúdo potencialmente desrespeitoso (Moss; O'Connor, 2020). Começou como um “compromisso inequívoco com a propaganda partidária, reinterpretado com base nos princípios da igualdade, o PC agora é associado exclusivamente (coloquialmente) à esquerda” (Moss; O'Connor, 2020, p. 3).

O meme ISTCT funciona como um disfarce para difundir o humor depreciativo em relação às pessoas progressistas, como se fosse apenas uma piada. Se o alvo retruca, acusando-o de ser sem graça ou

desumanizador, prova que esse não tem senso de humor, confirmando o ponto de partida (Roose, 2018; Sommerlad, 2018). O emprego desse tipo de humor, sob a pretensão de ser apenas uma piada, dentro de um contexto político, é alimentado pela ideologia daqueles que o compartilham. Se afirmar que indivíduos com diferentes pontos de vista são superficiais é tratado como uma piada, aqueles que encontram humor no meme são confirmados em sua crença de que tal perspectiva é válida e verídica. A ideologia ajuda a construir um lugar onde as pessoas veem o mundo subconscientemente. Para Žižek (2008), a ideologia é entendida em um sentido neomarxista, onde a ideologia é um fenômeno subconsciente que molda a visão de mundo das pessoas, criando uma ‘falsa consciência’.

Um exemplo de como a ideologia funciona é como a religião foi usada durante a Europa medieval para manter a estrutura social, fazendo as pessoas acreditarem que seu status era o desejo de Deus, dessa forma, os escravos não se rebelariam contra seus senhores (Žižek, 2008). Žižek elabora que ideologia não é uma simples falsa consciência, é a realidade em si mesmo, entretanto, sua

própria existência implica o não-conhecimento de seus participantes como sua essência – isto é, a efetividade social, cuja própria reprodução implica que os indivíduos ‘não sabem o que estão fazendo’. “Ideológico” não é a falsa consciência de um ser (social), mas sim esse próprio ser na medida em que é sustentado pela “falsa consciência” (Žižek, 2008, p. 15).

Essa construção particular de cosmovisão exige uma ingenuidade específica, como sugere Žižek. Ele cita uma linha de ‘O Capital’ de Karl Marx – “eles não sabem, mas o fazem” (Žižek, 2008, p. 24). Essa citação exemplifica como as pessoas operam dentro da estrutura ideológica. Um efeito colateral da ideologia é o cinismo. A perspectiva cínica reinterpreta a citação de Marx como “eles sabem que, em sua atividade, estão seguindo uma ilusão, mas ainda assim o fazem” (Žižek, 2008, p. 30).

O contexto cínico é o que promove a possibilidade de ridicularizar aqueles que acham que as pessoas que ‘apoiam algo’ são superficiais, já que não compartilham a mesma visão política. Se atos violentos são condenáveis, eles são reprimidos e as pessoas encontrarão uma maneira de expressá-los por meio de piadas ou chistes, como sugeriu Freud (1916). Se o outro é representado como um personagem que não tem personalidade, esse tipo de humor agressivo mostra alguma superioridade para aqueles que apreciam o que o meme significa. Sua jocosidade deriva da condensação do significado de apoiar algo. A ideia de mostrar apoio a coisas importantes é esvaziada para se tornar algo frívolo e mostra sua agressão velada de forma aceitável. A Figura 5 mostra exemplos de como o meme ISTCT é remixado com itens ‘do momento’ principalmente tópicos que o espectro político da esquerda progressista apoiaria.

Figura 5 – O meme ISTCT sendo remixado com itens 'do momento'.



Fonte: Instagram

Podemos ver temas como Will Smith dando um tapa em Chris Rock na cerimônia do Oscar de 2022, a pandemia de Covid-19 (pró-máscara e vacinação), pró-aborto, anti-Trump, pró-LGBTQIA+ e pró-direitos das pessoas não brancas, entre outros. Assim como outros memes, esses temas podem aparecer em diferentes formas, como mostrado na Figura 6: repórteres ou comentaristas de um canal de notícias mais liberal dos EUA têm seus rostos substituídos por memes de NPC. O logotipo do canal é alterado para se alinhar com uma estética NPC e está criticando o uso da liberdade de expressão. Nesse contexto, a liberdade de expressão é comumente usada como desculpa quando uma piada é contada por alguém que provavelmente é contra a cultura politicamente correta. Se a liberdade de expressão é um perigo, ser “autêntico” também é um perigo.

Figura 6 – Outro exemplo do meme ISTCT



Fonte: Instagram

Considerações finais

O meme “*I Support the Current Thing*” é um dos muitos exemplos de como o humor depreciativo pode ser usado nas mídias sociais atualmente. À medida que a sociedade tende a abraçar minorias sociais, preocupar-se com o clima ou condenar políticas autoritárias, outros grupos tendem a ver isso como uma ideologia que ameaça o status quo. A mudança seria feita por marxistas culturais, feministas e multiculturalistas que tentam impor um discurso politicamente correto que entedia o mundo, já que “restringe a liberdade de expressão”. Os memes da internet precisam ser analisados dentro de um contexto, pois seu uso pode variar de acordo com o tempo. Memes como Wojak (a origem dos memes NPC e ISTCT), Doge e Pepe the Frog começaram como piadas simples – algo semelhante ao que Freud (1916) chamou de humor inocente – e mais tarde foram cooptados pela extrema direita para insultar seus inimigos (Fielitz; Ahmed, 2021).

Os memes são um reflexo do *Zeitgeist* contemporâneo e podem funcionar como uma ferramenta para entender o que está latente, à medida que se propagam. Assim como Freud analisou os sonhos e o humor para entender a mente humana, o estudo dos memes pode ajudar a decifrar o que está acontecendo hoje, especialmente se a internet funciona como nosso inconsciente (Burnham, 2018). O meme parece carregar, em si, a possibilidade de transmitir uma piada, já que o ato de o compartilhar é uma tarefa espontânea. Também é demonstrado, por meio de vários exemplos, como o trabalho de condensação do meme pode gerar prazer à custa de um objeto de agressão hostil (Freud, 1916; Knapp, 2021).

Se o argumento de que memes são ‘apenas uma piada’ ganhar mais força nos próximos anos, eles se tornarão uma grande ferramenta de propagação de ideologia disfarçada de humor depreciativo disfarçado de piada. Ao naturalizar o preconceito político, o uso de memes e cinismo (Žižek, 2008) ameaça as finas camadas de políticas democráticas e empatia que foram erigidas nos últimos anos. Este artigo tentou construir uma nova abordagem teórica para os estudos de memes. Isso pode ajudar próximos estudos a entender o que está subjacente no conteúdo humorístico que é compartilhado nas mídias sociais.

Referências

- ALEXANDER, Julia. The NPC meme went viral when the media gave it oxygen. *The Verge*, [s. l.], 23 out. 2018. Disponível em: <https://www.theverge.com/2018/10/23/17991274/npc-meme-4chan-press-coverage-viral>. Acesso em: 4 ago. 2022.
- BILLIG, Michael. *Laughter and ridicule*. London: Sage, 2005.
- BÖRZSEI, Linda. Makes a meme instead: a concise history of internet memes. *New Media Studies Magazine*, [s. l.], v. 7, p. 1-29, 2013.
- BRISTOW, Daniel. Unconscious. In: BUTLER, Rex (ed.). *The Žižek Dictionary*. London: Routledge, 2015. p. 254-258.
- BURNHAM, Clint. Does the internet have an unconscious? *Slavoj Žižek and Digital Culture*. New York: Bloomsbury Academic, 2018.
- CHAGAS, Viktor. Da memética aos estudos sobre memes: uma revisão da literatura concernente ao campo nas últimas cinco décadas (1976 – 2019). In: CHAGAS, Viktor. *A cultura dos memes*. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 23-78.
- CHRISTENSEN, Henrik Serup. Political activities on the internet: slacktivism or political participation by other means? *First Monday*, [s. l.], v. 16, n. 2, 2011. Disponível em: <http://firstmonday.org/article/view/3336/2767>. Acesso em: 4 ago. 2022.
- D'ANASTASIO, Cecilia. How the 'NPC' meme tries to dehumanize 'SJWs'. *Kotaku*, [s. l.], 5 out. 2018. Disponível em: <https://kotaku.com/how-the-npc-meme-tries-to-dehumanize-sjws-1829552261>. Acesso em: 4 ago. 2022.
- DAFAURE, Maxime. The “great meme war”: the alt-right and its multifarious enemies. *Angles*, [s. l.], v. 10, p. 1-28, 2020.
- DAWKINS, Richard. *The selfish gene*. New York: Oxford University Press Inc., 2006.
- FIELITZ, Maik; AHMED, Reem. *It's not funny anymore: far-right extremists' use of humour*. Luxembourg: Publications Office of the European Union, 2021.
- FORD, Thomas. The social consequences of disparagement humor: introduction and overview. *Humor*, [s. l.], v. 28, n. 2, p. 163-169, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1515/humor-2015-0016>.
- FORD, Thomas. Humor and prejudice. In: ATTARDO, Salvatore (ed.). *Encyclopedia of humor studies*. London: Sage, 2014. p. 594-596.
- FORD, Thomas et al. Diminished self-concept and social exclusion: disparagement humor from the Target's perspective. *Self and Identity*, [s. l.], v. 19, n. 6, p. 1-21, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1080/15298868.2019.1653960>.
- FORD, Thomas et al. Disparagement humor and prejudice: contemporary theory and research. *Humor*, [s. l.], v. 28, n. 2, p. 171-186, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1515/humor-2015-0017>.

FREUD, Sigmund. Humor. In: STRACHEY, James (ed.). The future of an illusion civilization and its discontents and other works. London: The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis, 1961 [1927]. p. 159-166. (The Standard Edition of The Complete Psychological Works of Sigmund Freud, v. XXI.)

FREUD, Sigmund. September 11, 1899. In: MASSON, Jeffrey Moussaieff (ed.). The complete letters of Sigmund Freud to Wilhelm Fliess, 1887-1904. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 1985 [1955]. p. 340-401.

FREUD, Sigmund. The interpretation of dreams. New York: Basic Books, 2010.

FREUD, Sigmund. Wit and its relation to the unconscious. New York: Moffat, Yard and Company, 1916.

KNAPP, Ivan. Meme-work: psychoanalysis and the alt-right. 2021. Tese (Doutorado em Psicologia) – University College London, London, 2021.

LEE, Yu-Hao; HSIEH, Gary. Does slacktivism hurt activism? The effect of moral balancing and consistency on online activism. In: SPECIAL INTEREST GROUP ON COMPUTER-HUMAN INTERACTION (SIGCHI), 2013, Paris. Proceedings [...]. New York: Association for Computing Machinery, 2013. p. 811-820.

LEWIS, Helen. The Joke's on us. The Atlantic, [s. l.], 30 set. 2020. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/international/archive/2020/09/how-memes-lulz-and-ironic-bigotry-won-internet/616427/>. Acesso em: 4 ago. 2022.

MOSS, Jordan; O'CONNOR, Peter. Political correctness and the alt-right: the development of extreme political attitudes. PLoS ONE, [s. l.], v. 15, n. 10, p. 1-22, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0239259>.

ORING, Elliott. What Freud actually said about jokes. In: ORING, Elliott. Joking asides: the theory, analysis, and aesthetics of humor. Boulder: University Press of Colorado, 2016. p. 3-15.

PROOIJEN, Jan-Willem van. The psychology of political polarization. New York: Routledge, 2021.

READ, Max. What is "The Current Thing"? Slate, New York, 9 maio 2022. Disponível em: <https://slate.com/technology/2022/05/current-thing-meme-twitter-elon-musk-marc-andreessen.html>. Acesso em: 4 ago. 2022.

ROOSE, Kevin. What is NPC, the pro-Trump internet's new favorite insult? The New York Times, New York, 16 out. 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/10/16/us/politics/npc-twitter-ban.html>. Acesso em: 4 ago. 2022.

ROSE, Gillian. Visual methodologies. London: Sage, 2016.

SHIFMAN, Limor. Humor in the age of digital reproduction: continuity and change in internet-based comic texts. International Journal of Communication, Los Angeles, v. 1, p. 187-207, 2007. DOI: 1932-8036/20070187.

SHIFMAN, Limor. Memes. In: PETERS, Benjamin (ed.). Digital keywords. Princeton: Princeton University Press, 2016. p. 197-205.

SHIFMAN, Limor. Memes in digital culture. Cambridge: MIT Press Essential Knowledge, 2014a.

SHIFMAN, Limor. The cultural logic of photo-based meme genres. *Journal of Visual Culture*, London, v. 13, n. 3, p. 340-358, 2014b. DOI: <https://doi.org/10.1177/1470412914546577>.

SOMMERLAD, Joe. What is an NPC? The liberal-bashing meme sweeping social media ahead of the US midterms. *Independent*, [s. l.], 17 out. 2018. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/tech/npc-meme-right-wing-trolls-liberals-donald-trump-twitter-insults-republicans-a8588036.html>. Acesso em: 4 ago. 2022.

WIGGINS, Bradley. The discursive power of memes in digital culture. New York: Routledge, 2019.

ŽIŽEK, Slavoj. The sublime object of ideology. London: Verso, 2008.

Sobre o autor

Thiago Costa é mestre em Artes da Cena (UFRJ). Pesquisador de imaginários digitais, memes, humor e saúde mental em redes sociais.

Data de submissão: 05/03/2023

Data de aprovação: 20/09/2023